



## **ENTRE RACISMO, ESQUECIMENTO E O DEVER DE MEMÓRIA: O COMÉRCIO DOS PRETOS NA FUNDAÇÃO DA CIDADE DE TEIXEIRA DE FREITAS-BA**

PRISCILA SANTOS DA GLÓRIA<sup>1</sup>

EDSON SILVA DE FARIAS<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Ao lermos a edição comemorativa do *Jornal Alerta*, publicado todo ano, no dia do aniversário da cidade de Teixeira de Freitas, 09 de maio, nos deparamos com a narrativa de progresso da região do extremo sul da Bahia delegado as famílias pioneiras, que chegaram após as madeireiras, originárias do Espírito Santo, as quais foram atraídas pelo potencial da Mata Atlântica. Um/uma leitor/leitora mais crítico/a, ciente da história colonial da região, sente um incômodo que persiste ano após ano, como uma pergunta que lateja: sendo a região extremo sul da Bahia território indígena, e quilombola, onde estão esses sujeitos na história teixeirense?

O próprio jornal nos dar indícios dessa história, quando nos conta sobre o “Comercinho da Mata”, que segundo o jornal teve início com a chegada das madeireiras e de seus trabalhadores que demandavam produtos para sua subsistência, assim as famílias negras que saíram da zona rural de Alcobaça e Caravelas vão fundar o “Comercinho”, que também é conhecido como Comércio dos Pretos. Esse comércio aparece no jornal, mas há um direito de fala e memória garantido a essas famílias nessa narrativa? Ou são narrativas com estereótipos que estruturam o racismo?

Silvio Almeida (2019, p.17) ressalta que “o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, UESB. Professora Assistente do Colegiado de História UNEB, XVIII. E-mail: [pgloria@uneb.br](mailto:pgloria@uneb.br)

<sup>2</sup> Orientador, Professor associado do Programa de Pós-Graduação Memória: Linguagem e Sociedade da UESB; professor adjunto do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNB.



política da sociedade”. Portanto ele também é um elemento que estrutura as políticas de memória que gestam a lembrança e o esquecimento em nossa sociedade. O objetivo deste artigo é problematizar as seleções de narrativa do *Jornal Alerta* que compõem uma estratégia de esquecimento do Comércio dos Pretos na fundação da cidade de Teixeira de Freitas, analisando a texto jornalístico, a partir da “hermenêutica da condição histórica” de Paul Ricoeur (2007), a fim de compreender os interesses inscritos no texto, mas para além dele, observando a disputa de memórias na edição do texto, e na sua interpretação. Identificando dessa forma, quais enquadramentos se entrelaçam a memória do Comércio dos Pretos, quais seleções são elaboradas para descrever essas famílias, se há estereótipos que constituem o racismo e se há esquecimento ou distorção da importância do comércio nos eventos fundadores da cidade.

## **MANIPULAÇÃO DE MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO DO “COMÉRCIO DOS PRETOS”**

Teixeira de Freitas é vista hoje como um dos polos econômicos do Extremo sul da Bahia, de recente fundação, conquistou sua emancipação política em 09 de maio de 1985, por meio da Lei estadual nº 4.452, desmembrando-se das áreas pertencentes aos municípios de Alcobaça e Caravelas. Região ocupada por povos indígenas que foram alvo da política do diretório indígena no século XVIII, a coroa portuguesa buscando efetivar a colonização fundou as vilas de Caravelas, Viçosa, Alcobaça, Prado, São Mateus e Porto Alegre, atual Mucuri. No século XIX, essa região continuou sendo ponto de interesse do então governo imperial, sendo alvo das “políticas de colonização para o povoamento” (MOREIRA, 2014, p. 34). Essa política fundou a Colônia Leopoldina na Vila Viçosa, com a chegada de suíços, alemães e franceses que usaram a mão de obra escravizada em cinco sesmarias (CARMO, 2010, p. 22).



No século XX, com os projetos de desenvolvimento nacional, a região é mais uma vez cobiçada, desta feita, pela implantação de madeireiras, da agropecuária e da eucaliptocultura. Em 1950, a região recebe a Eleosippo Cunha, empresa de processamento de madeira que foi transferida de São Mateus (ES) para Nova Viçosa (BA).

A dissertação de Ailton de Oliveira Junior (2019) elenca dois pontos de ocupações importantes para o crescimento da localidade que mais tarde seria Teixeira: a Fazenda Nova América localizada na zona rural de Alcobaça, a beira do Rio Itanhém, remete a sua fundação ao ano de 1923, e a localidade onde ficou conhecida como "Comércio dos Pretos", onde hoje se encontra a Praça Castro Alves, neste local os primeiros moradores, Manoel Etelvina e Chico D'Água abriram comércios para atender os funcionários da empresa Eleosippo Cunha que chegaram à região em 1950.

A fundação de Teixeira de Freitas se configurou com um processo de concentração fundiária, uma ocupação territorial de capixabas e mineiros, processo que expropriou a população negra, que perderam suas terras advindas do pós-abolição. Percebemos que a dominação no extremo sul da Bahia não se dá (apenas) pela ocupação territorial, mas por um discurso "de sedução e intimidação". Ricoeur (2007, p. 98) ressalta a "função seletiva da narrativa" que manipula, oferecendo tanto "estratégia do esquecimento quanto da rememoração".

Suzana Ferreira (2010) em estudo monográfico questiona a memória em volta da fundação e progresso da cidade de Teixeira de Freitas, contrapondo a narrativa do *Jornal Alerta*<sup>3</sup>, com entrevistas de descendentes das primeiras famílias negras a ocuparem e desenvolverem o que ficou conhecido como "Comércio dos Pretos". Ela levanta uma pergunta salutar para desvendarmos as manipulações em torno da memória: "o referido desenvolvimento de Teixeira de Freitas ocorreria da mesma forma, caso não

<sup>3</sup> Fundado em 1986 na cidade vizinha Medeiros Neto, teve sua sede transferida para Teixeira em 1990. Disponível na internet: <https://jornalalerta.com.br/29-anos-do-jornal-alerta/> Acessado em 19 de outubro de 2021.



houvesse o pioneiro povoamento de negros? A atuação destas famílias na zona rural teria funcionando como base de sustentação no referido crescimento local?” (FERREIRA, 2010, p. 40).

Ferreira (2010, p. 53) ressalta que o *Jornal Alerta* na edição comemorativa do 23º aniversário de Teixeira de Freitas afirmou que o “comércio dos pretos não apresentava perspectiva de crescimento”. Oliveira Junior (2019, p. 92) analisou um documento elaborado pelo Banco Nordeste em 1986, designado como “monografia-reportagem”, que traçou um histórico do município a partir dos relatos dos moradores, denominados como “pioneiros”.

O documento referendando a Enciclopédia dos Municípios (1958) afirmou que a localidade não foi citada pelo IBGE, pois não tinha mais de 30 habitantes na década de 1950. Oliveira Junior (2019) associou a narrativa do BNB as edições comemorativas do *Jornal Alerta*, que informou a população que o “Comércio dos Pretos” não tinham potencial de crescimento e desenvolvimento, e por isso a cidade de Teixeira só foi possível com a chegada dos capixabas com suas madeiras e dos mineiros com a pecuária. Ricoeur (2007, p. 95) relaciona a manipulação da memória a um complexo “fenômeno ideológico” que envolve “distorção da realidade” e “legitimação de poder”. A chegada das madeiras e agropecuárias não foi inventada pelo *Jornal Alerta*, mas sua importância é amplificada, ou seja, distorcida para garantir a legitimidade da ocupação territorial do extremo sul da Bahia, a ideologia da elite local reafirma sua autoridade e poder pela narrativa.

Essa “memória imposta” pelo *Jornal Alerta* se constituiu por uma história oficial “aprendida e celebrada publicamente” (RICOEUR, 2007, p. 98). A reportagem comemorativa publicada todo 09 de maio utiliza o mesmo texto e até as mesmas entrevistas com as famílias dita pioneiras, o jornal compõe uma narrativa que é lembrada, repetida e compõe uma identidade capixaba/mineira a cidade de Teixeira de Freitas.



Cida Bento reforça que a branquitude narra a si mesma para não perder privilégios (2022). É o que percebemos quando analisamos o especial de aniversário de 24 anos da cidade de Teixeira de Freitas do Jornal Alerta, com as manchetes: "Movimento migratório: contribuições para o desenvolvimento cultural e econômico da cidade" que trata da chegada de comerciantes, pecuaristas e agricultores; e a outra matéria: "Os capixabas: da exploração de madeira à exploração do intelecto" para tratar da contribuição econômica e cultural provinda da migração dos capixabas com suas madeiras para a região. Analisando as notícias em bloco identificamos que o jornal ressalta que a cultura indígena e negra era predominante no início do povoado, mas como era muito "rural" foi sendo substituída pela cultura capixaba de origem italiana.

## **O COMÉRCIO DOS PRETOS E O DEVER DE MEMÓRIA**

Para compreendermos o que Ricoeur (2007, p. 99) denominou de dever de memória precisamos alcançar "o coração da hermenêutica da condição histórica", e avançarmos sobre o contexto histórico que surgiu o "Comércio dos Pretos". O dever de memória está na dialética entre a lembrança e o esquecimento, e ainda atrelado ao dever de justiça. Em Ricoeur (2007, p. 101) a justiça é um elemento de alteridade, feita para o outro, por isso "o dever de memória é o dever de justiça, pela lembrança, a um outro que não o si".

A cidade de Teixeira de Freitas tem uma dívida com o Comércio dos Pretos, e, portanto, é preciso inventariar o passado para garantirmos o protagonismo negro na história teixeirense. No entanto, Ricoeur (2007, p. 101) nos lembra de que "o dever de memória não se limita a guardar o rastro material", portanto não basta pagar a dívida, é preciso "submeter a herança ao inventário", neste ponto o autor nos chama a reflexão que precisamos dar "prioridade moral às vítimas", ou, a aqueles que já não estão

# **"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"**

**XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA**

**VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

**VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.**

**VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO**

**CANTINHO DO GRIÔ**



entre nós. Ricoeur (2007, p. 102) aponta um caminho do bom uso do dever de memória, enfatizando que o dever de justiça deve estar atrelado ao pagamento da dívida, mas ele não deixa de observar “o deslocamento do uso ao abuso”. O abuso diz respeito ao excesso de memórias, quando o dever de memória não coloca no centro as narrativas das pessoas, é a “palavra muda” que dá a tônica dessa linguagem, desse dever de memória.

Gayatri Spivak (2010, p.61) analisando Michel de Foucault questiona se “tornar visível” é o mesmo que “tornar vocal”? É no entremeio dessa problemática que gostaríamos de analisar a notícia intitulada “Comercinho da Mata” que está presente no *Jornal Alerta* (2009, p. 14-15) na mesma edição comemorativa do vigésimo quarto aniversário de Teixeira de Freitas. Embora o “comercinho da mata” tratava-se do Comércio dos Pretos, o subtítulo da notícia enfatizou: “Os primeiros médicos, a primeira farmácia, o primeiro fazendeiro e os primeiros nomes de Teixeira de Freitas”, mas ela inicia com a seguinte frase: “Comercinho da Mata é aquilo mesmo. A primeira coisa que bota pra vender é a pinga”, narrativa retirada da entrevista com Pedro Guerra Filho. Por que iniciar a narrativa evocando a cachaça? E não as famílias responsáveis pelo comércio? Não há interesse em garantir o protagonismo das famílias negras, mas de diminuir a atuação destas e a importância do comércio, quando o mesmo é designado no diminutivo “comercinho”.

Silvio Almeida (2019, p. 36) afirma que o racismo na contemporaneidade é “tanto evidente quanto dissimulado”, ressaltando que o “racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional”. Percebemos que a reportagem do *Alerta* tem um viés racista dissimulado através da seleção da narrativa. A seleção é um mecanismo de esquecimento que institucionaliza o racismo. Almeida (2019, p. 27) conceitua:

racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas

# **"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"**

**XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA**

**VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

**VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.**

**VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO**

**CANTINHO DO GRIÔ**



conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

Se narrar a si mesmo garante a continuidade de privilégios da branquitude, poderíamos afirmar que ser lembrado é um privilégio? Alicerçada na narrativa fundadora da cidade de Teixeira de Freitas que lembra a chegada dos capixabas e mineiros, e esquece o Comércio dos Pretos, quando até dá visibilidade no jornal para ele, mas seleciona a narrativa, destacando um lugar pequeno, sem desenvolvimento, realizado por famílias descendentes de pessoas escravizadas, assim o Alerta dá vocalidade ao Comércio dos Pretos?

Ricoeur (2007, p. 455) ressalta a narrativa como elemento primordial das estratégias de esquecimento, pois "pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela", dessa forma as narrativas são sempre configuradas e reconfiguradas. Denominar o Comércio dos Pretos de "comercinho" é usar a narrativa como um mecanismo de esquecimento.

Ferreira (2010) reconstituiu a trajetória da família negra da Fazenda Nova América, que teve origem com a chegada de Manoel Félix Freitas Correia a zona rural de Alcobaça, homem negro vindo de Salvador, comprou a fazenda Imbribeira no início do século XX, entrevistas realizadas por Ferreira negam sua relação com a escravidão, fazendo a autora supor que sua liberdade remonta um período anterior à abolição, ou até mesmo poderia Manoel ter nascido livre. Depois da Fazenda Imbribeira, Manoel se estabeleceu na Fazenda Nova América na década de 1920, ao longo do século a família fundou um comércio denominado "Secos e Molhados", mesmo antes da abertura da estrada pela Eleosippo Cunha.

Na edição comemorativa dos vinte e três anos de Teixeira de Freitas há uma reportagem que seu Isael Freitas Correia, neto de Manoel, fundador da Fazenda Nova América, protagonizou um relato sobre a fundação da



cidade, demonstrando ser um exímio narrador, aponta com detalhes os principais eventos que ocasionam a fundação de Teixeira. Notícia que merecia destaque de capa, se encontra nas páginas quatorze e quinze, a última estampa uma fotografia de seu Isael, nas páginas a narrativa ganha alguns destaques nas letras, com passagens em itálico e negrito, chamando a atenção dos/das leitores/as. A reportagem começa com a narrativa de seu Isael tratando do enfrentamento do seu pai a um coronel da região:

Homem muito respeitável na Região o coronel João Bernardino de Medeiros tinha uma terra com criação de gado, que atravessava o rio e pastava solto. Quando meu pai comprou as terras, ele fechou acerca do outro lado do rio, não permitindo mais a passagem dos animais. O gado do coronel era usado para transportar madeira de todo lugar, Duque de Caxias, por exemplo, para Alcobaça pelo rio. O coronel Bernadino era muito respeitado, ninguém fazia roça por causa do seu gado. Mas, meu pai teimou que tinha que fazer roça, nós mesmos abríamos caminho pelo mato com as mãos, daí nós passamos a plantar café. Meu pai e meu irmão mais velhos produziam mil caixas de café cada um e mandavam rio abaixo de canoa para Alcobaça para serem enviadas a Salvador. (ALERTA, 2008, p. 14, grifo nosso)

Seu Isael narra a astúcia e ousadia do seu pai no enfrentamento aos ditames do coronel que permitia que seu gado pastasse solto impedindo as plantações dos pequenos produtores rurais. Abrindo fresta no meio da exploração agropecuária a família de seu Isael foi plantando e colhendo café, até ter uma produção de mil caixas para encaminhar para Salvador, garantindo a venda do produto e conseqüentemente a sobrevivência e permanência na terra. Embora parte importante da entrevista, a qual garante protagonismo de uma família negra na zona rural de Alcobaça, que hoje é parte integrante do bairro Nova América de Teixeira de Freitas, ela não foi destacada em negrito pela edição do jornal. A narrativa a seguir é a que está em itálico e negrito na reportagem:

Vendendo porco, muito arrumado, bem feito, de bota, ia as festas e bailes em Juerana, mas fui gostando de Maria de Lourdes e como eu já estava velho, tinha que me casar depressa. Casei-me com ela em



1952 aos 35 anos, ele, com 22 anos. O padre não queria nos casar porque dizia que eu tinha cara e jeito de homem que já era casado em outras terras, mas eu era solteiro (ALERTA, 2008, p. 14, grifo do autor)

A narrativa que parece inocente, cotidiana e natural do encontro da esposa com seu Isael, o destaque (negrito e itálico) do jornal pode intencionalmente prender a atenção da/leitora/leitor, ou até levar comicidade à cena, aumentando o entretenimento. No entanto, o que significa o padre desconfiar do nubente, se o mesmo possuía outra família? Significa desconfiar da honra de seu Isael, o quê pode estar relacionado a uma visão estereotipada e racista do padre em considerar um homem negro "namorador", "infiel", poligâmico. E quando o jornal enfatiza esse estereótipo, destacando o texto, ele reproduz o racismo, que se relaciona a manipulação da matéria e, portanto constitui uma estratégia de esquecimento do protagonismo da família de seu Isael.

Almeida (2029, p. 24) problematiza o racismo científico que penetrou no Brasil através das teorias sócio raciais do "determinismo biológico" no século XIX, o qual considerava que a "pele não branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência".

O último destaque da entrevista está na página quinze que acompanha a fotografia de seu Isael:

Eu combinei com meus irmãos e cunhados, deslocando 100 metros de cada lado. Manoelito rodeiou até onde podia. Achamos que era bom lugar para a Cidade. Eu desloquei 14 alqueirões de terra para fazer a cidade de Teixeira de Freitas (ALERTA, 2008, p. 15, grifo do autor)

A narrativa de seu Isael revela intensa participação da sua família na fundação da cidade, ele relata que ele e seus irmãos foram comprando "pedacinhos" de terra, vendendo quando estavam mais valorizadas, até juntar uns alqueires e doar para a fundação de Teixeira de Freitas. Essa



narrativa poderia ter iniciado a reportagem, se assim desejasse à edição do jornal garantir o direito à memória as famílias negras que fundaram a Fazenda Nova América. Voltamos a Spivak dar visibilidade é garantir vocalidade?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o *Jornal Alerta* em edições comemorativas ao aniversário da cidade de Teixeira de Freitas noticiar sobre o Comércio dos Pretos, a seleção da narrativa adotada pela imprensa impede o direito à memória as famílias negras que fundaram o Comércio, e assim participam efetivamente dos eventos fundadores da cidade. A narrativa é carregada de estereótipos que compõem um mecanismo de esquecimento, ao mesmo tempo em que institucionalizam o racismo no extremo sul da Bahia. É ainda necessário inventariar o passado, garantindo vocalidade ao Comércio dos Pretos, e, portanto constituindo o dever de memória.

## REFERÊNCIAS

ALERTA, Jornal. **Documentário de Teixeira de Freitas dos 23 e 24 anos**. 2008; 2009.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARMO, Alane Fraga do Carmo. **Colonização e Escravidão na Bahia: a colônia Leopoldina (1850-1888)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em História. Salvador: UFBA, 2010.

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. **Recenseamento geral do Império em 1872**. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/> Acesso em: 23. Out. 2023.

FERREIRA, Suzana Teodoro. **A vida privada de negros pioneiros no**

# "ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



**povoamento de Teixeira de Freitas na década de 1960.** Monografia. (Graduação em História) Universidade do Estado da Bahia. Teixeira de Freitas –BA, 2010.

MOREIRA, Uerisleda Alencar. **Laços afetivos e familiares: relações parentais legitimadas nos ritos católicos em Caravelas, BA,** entre 1840-1860. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus, 2014.

OLIVEIRA JUNIOR, Ailton. **Industrialização, povoamento e extrativismo:** da formação do extremo sul baiano à formação do "Comercinho dos Pretos" na década de 1950. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus, 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, e o esquecimento.** Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2007.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.